

Primeiras Estórias

Roteiro de Leitura
Marcelo

Guimarães Rosa

CONTEXTO HISTÓRICO

O AUTOR E SEU TEMPO

O Casamento entre o Regional e o Erudito

João Guimarães Rosa nasceu a 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, pequena cidade mineira situada entre Curvelo e Sete Lagoas — zona de fazendas e engorda de gado. Era o filho mais velho de um grupo de seis do casal Floduardo Pinto Rosa e Francisca Guimarães Rosa. Iniciou seus estudos na pequena cidade natal, onde seu pai era pequeno comerciante. Sua infância marcou sua obra, principalmente *Sagarana* (contos) e *Campo Geral*.

Aos seis anos, leu o primeiro livro em francês, já demonstrando seu amor pelas línguas. Em 1918, iniciou o ginásio em Belo Horizonte, mostrando-se um estudante entusiasta, principalmente de História Natural e Línguas. Essas paixões eram reveladas através da coleção de insetos, de seu amor pelos animais e da exploração dos matos em Cordisburgo, durante as férias. Mas sua principal paixão foi pelas Línguas e suas respectivas gramáticas, tendo estudado sozinho o russo e o alemão.

Cursou Medicina em Minas Gerais, onde exerceu a profissão em pequenas cidades que não possuíam médicos. Aproveitava os momentos de folga para estudar e cobrava sua consulta pela distância que tinha de percorrer a cavalo. Tornou-se um médico respeitadíssimo naquela região. Ingressou como médico voluntário na Revolução de 32, entrando posteriormente para a Força Pública, chegando a ser oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria.

Em 1934, ingressou na carreira diplomática, servindo como cônsul adjunto em Hamburgo, tendo permanecido internado em Baden Baden por ocasião da declaração de guerra à Alemanha pelo Brasil. Exerceu, ainda, funções diplomáticas em Bogotá e Paris. Ascendeu a ministro em 1958, tendo participado da decisão de assuntos complexos, como os do Pico da Neblina e das Sete Quedas. Suas viagens ao Exterior não impediram que mantivesse contato com sua terra natal. De suas andanças pelo norte de Minas, sul da Bahia e pelo Mato Grosso o autor colheu a matéria-prima de suas obras. **A natureza e as pequenas vilas com seus tipos humanos, linguagens, usos, costumes e crenças são a base da criação literária de Guimarães Rosa.**

Em 1946, publicou *Sagarana*, livro de contos. Mas foi em 1956, com a publicação de *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*, que veio o reconhecimento e a glória do autor. Seguiram-se *Primeiras Estórias* (1962) e *Tutaméia: Terceiras Estórias* (1967). A partir de 1964, *Corpo de Baile*, originariamente em dois volumes, passou a ser publicado em três, a saber: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá do Pinhém* e *Noites do Sertão*. Suas obras foram publicadas em vários países, tendo sido traduzidas para o francês, o italiano, o espanhol, o inglês e o alemão.

Guimarães Rosa foi indicado duas vezes para a Academia Brasileira de Letras, porém só aceitou posse em novembro de 1967, receando suas próprias emoções. De fato, três dias após a solenidade, na noite de domingo, 19 de novembro de 1967, faleceu vítima de enfarte. Em 1969, foi publicado *Estas Estórias*. Seu livro de poemas, *Magma*, permanece inédito, a pedido do próprio autor.

Guimarães Rosa respirou a democracia do país com o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e a deposição de Getúlio Vargas, no mesmo ano. Em 1946, a Constituição estabeleceu um novo pacto social, promovendo a liberdade de organização partidária, eleições diretas e secretas. Porém, logo após surgiu a “guerra fria” entre Estados Unidos e a ex-União Soviética, ressurgindo as perseguições e a censura. Nesse clima de “pós-guerra” surgiu a **Geração de 45**, chamada por muitos de **Pós-Modernismo**, da qual Guimarães Rosa fez parte.

O Modernismo no Brasil é marcado pelo experimentalismo, por uma literatura que procura novos caminhos para a criação artística, quer quanto à estrutura de composição, quer quanto aos processos de invenção verbal. Na Geração de 45, o romance deixou de ser uma mera representação da realidade para ter um valor em si, tanto na busca do universal, como na pesquisa da linguagem. Surgiram os romances instrumentalistas, que apresentavam a preocupação extrema do autor com relação à construção da obra, através da pesquisa da linguagem e da reinvenção do código lingüístico. Para Guimarães Rosa, a linguagem corrente era incapaz de representar a realidade em sua dinâmica e suas camadas mais profundas, por achar-se cristalizada em uma série de clichês e fórmulas feitas.

A prosa de 45 assumiu um tom universal, pois sondava o mundo interior dos personagens, com poder generalizante. Seus personagens buscavam entender o mundo a seu redor, as relações humanas e a razão da vida, demonstrando uma preocupação com a essência íntima da realidade, com o sentido último da existência, para além daquilo que mostram as aparências, independentemente do tempo ou da geografia em que viviam.

Guimarães Rosa **universalizou o sertão e sua linguagem**. Em suas andanças pelo sertão, anotava em seus caderninhos os ditados populares, as superstições e, principalmente, a maneira de falar do povo brasileiro. Só após esse inventário ele passou a **inventar a sua linguagem literária**. Guimarães criou uma expressão verbal profunda que se aproxima da **metáfora poética**, na qual a palavra assume um feixe de significações, não só no plano semântico (do significado), mas também no fonético (sons). Estabeleceu relações íntimas entre o significado e o significante das palavras, **abolindo as diferenças entre a narrativa e a lírica**, empregando linguagem poética na narrativa. Empregava aliterações, onomatopéias, rimas internas, ousadias na forma das palavras, elipses, cortes, deslocamentos sintáticos, vocabulário insólito baseado em arcaísmos ou neologismos, fazendo associações raras, empregando metáforas, anáforas e metonímias. **Seus processos de invenção fundamentavam-se nos processos da língua** (parassíntese, aglutinação etc.) e estão imersos na musicalidade da fala sertaneja.

O autor não é mero escritor regionalista que fixa e retrata a paisagem, os tipos humanos e a vida sertaneja. Ele universalizou o sertão à medida que “despojou das suas cômodas muletas, o pitoresco e o realismo” (Antonio Candido), mostrando o sertão como um aprendizado sobre a vida, sobre a existência do ser humano e não apenas do sertanejo. **As ações ocorrem num espaço marginal à civilização moderna**, em que o gado, como os demais animais e a natureza, assume um papel participante, ativo, nos destinos do ser humano. É através desse mundo regional, simples e despojado de muita instrução, recursos e tecnologia, que **o autor capta e imortaliza os valores espirituais, humanos e culturais do homem — a travessia humana pelo viver**. Ele nos revela a universalidade do sertanejo que, num mundo marginal à sociedade sofisticada moderna, apresenta as mesmas angústias e anseios do homem que se considera moderno, instruído e culto. Através do regional ele atinge o universal.

Personagens como **as crianças e os loucos são seres intuitivos, portadores de uma vocação mágica**. A eles é dada a liberdade de criar seus mundos, livres de racionalismo, podendo perceber e **atingir revelações profundas**. Para o autor, nosso mundo é apenas uma passagem para um mundo espiritualmente complexo. O plano metafísico está brilhantemente representado no conto *A Terceira Margem do Rio*, por exemplo, no qual a terceira margem talvez seja a metáfora desse outro lado, a transcendência. A razão é uma faca de dois gumes: instrumento para apreensão ordenada da realidade; ela também pode ser um modo de evitá-la, de guardar-se de seu contato.

A OBRA

*Tudo, aliás, é a ponta de um mistério
Há razões e rasões
Viver é impossível...*

Primeiras Estórias reúne 21 contos, nos quais encontramos um grande trabalho inventivo com a linguagem, o que para muitos estudantes se torna um obstáculo. Provavelmente, a palavra **primeiras** relaciona-se com o fato de serem esses pequenos contos a primeira experiência do autor nesse tipo de texto narrativo.

A partir de fatos banais, o autor discute temas que são universais, questões metafísicas que desde sempre angustiam o ser humano. Ocorrem momentos epifânicos, isto é, que revelam e iluminam toda a existência da personagem. Desses pequenos “causos”, como diriam os sertanejos do norte de Minas Gerais, o autor extrai lições de vida, mesmo quando usa uma carga de humor. Há uma clara noção, em alguns contos, de que existiria **uma força natural** que, por meios os mais variados possíveis, **faz com que o destino das pessoas se cumpra**.

Em geral, os protagonistas ou são crianças, ou loucos, ou estão à margem da sociedade. São seres portadores de alguma “excepcionalidade”, se comparados com o mundo “normal”.

“Ah, meu amigo, a espécie humana pelega para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... E então ?” — (O Espelho).

Na sua maioria, as estórias se passam em ambiente rural, desenhando-se aos nossos olhos as espaçosas casa de fazenda, os quintais, a mata próxima e os grandes descampados. Mas há também a sugestão de lugarejos ou vilas, como em *Fatalidade* ou em *A Benfazeja*, e mesmo centros urbanos, o que se verifica em *O Espelho* e, principalmente, em *Darandina*.

Contos cujo narrador está em 1ª pessoa:

- *Famigerado*
- *A Terceira Margem do Rio*
- *Pirlimpsiquice*
- *O Espelho*
- *O Cavalo que bebia cerveja*
- *Luas-de-mel*
- *A Benfazeja*
- *Darandina*
- *Tarantão, meu patrão...*

Contos com narrador em 3ª pessoa:

- *As Margens da Alegria*
- *Sorôco, sua mãe e sua filha*
- *A Menina de Lá*
- *Os Irmãos Dagobé*
- *Nenhum, nenhuma*
- *Fatalidade*
- *Seqüência*
- *Nada e a nossa Condição*
- *Um Moço Muito Branco*
- *Partida do Audaz Navegante*
- *Substância*
- *Os Cimos*

RESUMO DOS CONTOS

As Margens da Alegria

A principal personagem é o Menino e, assim como ele, as outras personagens são apenas identificadas pelo grau de parentesco. O protagonista vai se deslumbrando com as novidades do local onde se ergueria uma grande cidade — Brasília. De todas as visões, a que mais o encantou foi a do peru, no centro do terreiro. Logo em seguida, o Menino é chamado para um passeio. Ao retornar, só consegue pensar no animal, “*só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança.*” O animal é morto. A criança, quando sai para procurar o peru, só encontra restos pelo chão e se abala, pois “*tudo perdia a eternidade(...)*” O menino é levado para outro passeio, para o local onde estava sendo construído um grande lago. Ao retornar, encontra, no terreiro, outro peru que bicava a cabeça do primeiro peru com ferocidade. Chega a noite e a criança vê um vaga-lume. O menino que descobrira a dor e a morte redescobre a alegria.

Famigerado

Um médico estava em casa quando chegam quatro cavaleiros, dos quais um “não tinha cara de ser muito amigo”. Apesar do medo, crente que se tratava de um jagunço, o médico pergunta qual a razão da visita. O sujeito se identifica e confirma a suspeita do médico. Numa conversa lenta, entrecortada, o homem explica que desejava saber o significado da palavra “famigerado”, que um funcionário do Governo lhe dissera. Como ninguém soubera explicar-lhe, acreditava que o doutor soubesse fazê-lo. O médico, com ares de culto, diz que o significado seria próximo de “notável” ou “célebre”. O famigerado pede maiores explicações e o médico continua a acrescentar sentidos positivos para a palavra. O jagunço, satisfeito, dispensa os homens que trouxera de testemunhas e parte feliz. O final é um anti-clímax, já que tudo termina bem depois do clima de suspense de toda a narrativa. O médico não mentiu: ele apresentou uma das interpretações possíveis para a palavra famigerado, mas não citou aquela que é a mais comum: bandido.

Sorôco, sua mãe, sua filha

Um trem com um vagão especial espera na estação para levar a mãe e a filha de Sorôco para o hospício em Barbacena. Com sua melhor roupa, o homem traz as duas pelo braço. Uma multidão vem acompanhar esse triste espetáculo, mas todos tentam respeitar a dor de Sorôco. Inusitadamente, ambas começam a cantar uma canção que ninguém compreendia. Sorôco nem tem coragem de olhar para o trem quando este parte. De repente, tomado pela dor, passa a cantar a mesma canção de suas familiares. Toda a comunidade ali principia a cantar também e a acompanhar Sorôco.

A Menina de Lá

O narrador em primeira pessoa conta o seu contato com uma menina, Nhinhinha, de cerca de 4 anos e paranormal, que contava estórias vagas e absurdas. A família não se incomodava com a menina e esta se dava muito bem com o narrador. Entre outros assuntos, ela dizia que iria encontrar em breve os parentes dela que já haviam morrido. Pequenos “milagres” ocorrem. Por exemplo, um sapo obedece a menina; a mãe dela fica doente, a menina a beija e aquela fica curada. O narrador não deixa clara sua posição: eram milagres ou coincidências? Um dia, a tia da menina, Tiãntonia, repreende Nhinhinha, pois esta descreve como queria seu caixão. Pouco depois, a garota morre.

Os Irmãos Dagobé

Outro conto com anti-clímax.

O irmão mais velho, Damastor, havia sido morto. Esta era uma família temida na região, devido à prática de usar a violência como solução para seus problemas. O assassino, Liojorge, era um homem pacífico da região, que o matara em legítima defesa. Todos esperavam uma vingança por parte dos irmãos Dagobé. Mas eles se preocupavam mais com o velório do irmão, recebendo com cortesia quem ia lá render homenagens ao morto. Liojorge oferece-se para carregar o caixão, para provar que não matara por motivo fútil. Os irmãos aceitam. Todos estão na expectativa de que, após o enterro, a vingança seria consumada. Mas, para surpresa de todos, eles dizem para Liojorge se recolher porque eles partiriam para a cidade grande.

A Terceira Margem do Rio

Um filho narra a estória da decisão do pai que abandona a família para morar na terceira margem do rio. Este manda fazer uma canoa, despede-se de todos e parte. A esposa diz: “*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*”. Qual a razão da partida? Ninguém sabe. O filho furtava comida para levar ao pai até um local onde ele pudesse apanhá-la. A mãe facilitava essa artimanha do filho. A mulher, inconformada, chamou padre, soldados, jornalistas, para ver se conseguiria convencer o marido a parar com tal atitude. O pai fica longe e perto da família... A filha se casa e não quer saber de festejos. O neto nasce, mas ele não aparece para vê-lo. A irmã do narrador se muda. O narrador, cada vez mais, se parece com seu pai. Já velho, o narrador decide tomar o lugar do pai, que deixa a entender que aceita a troca. Mas o narrador, tomado pelo medo, foge dessa incumbência. O conto termina com o pedido do filho para que o coloquem numa canoa rio abaixo, quando morrer.

Pirlimpsiquice

O narrador conta sua experiência inusitada quando foi representar uma peça de teatro com um grupo de colegas na escola. O prof. Perdigão era o autor do texto e se empenhava para que todos soubessem seus papéis de cor. O narrador tinha como tarefa ser o chamado *ponto*, ou seja, aquele que decora todas as falas da peça para auxiliar aqueles atores que, eventualmente, esquecem *o texto original*. Como havia um grupo de alunos opositores da turma, os atores começaram a criar uma peça falsa para enganar aqueles que não eram integrantes da montagem. Eles começaram a criar um *2º texto* e a se entusiasmar mais com este do que com o do professor. A turma dos “inimigos” começou a espalhar uma *3ª estória*, inventada por Gamboa, dizendo que aquela era a verdadeira. Além desses percalços, os atores-estudantes tinham de enfrentar mais uma dificuldade: Zé Boné jamais conseguia dizer seu texto sem erros ou esquecimentos. Ficou decidido que ele ficaria mudo no palco. No dia da representação, um dos principais atores não podia comparecer e restava ao narrador-ponto substituir o colega. Acontece que, diante do público, ele, que sabia todas as falas, se calou e teve um “branco”. Recebeu uma grande vaia e, em seguida, começou o texto. A vergonha tomou conta dos outros atores e outra vaia ocorreu. Coube a Zé do Boné, o que devia ficar mudo, salvar o grupo. Ele começou a representar a peça do desafeto da equipe, ou seja, o texto da *3ª estória*, cujo autor era Gamboa. O grupo não aceitou essa hipótese e começou a encenar o texto que haviam criado — a *2ª estória*. Eles não sabiam como terminar a peça, apesar da alegria de representar seu próprio texto. O narrador descobriu “*uma maneira de sair — do fio, do rio, da roda, do representar sem fim.*” Caminhou rumo à beira do palco e despencou lá de cima. “*E me parece, o mundo se acabou.*”

Nenhum, nenhuma

O narrador tenta apresentar uma série de reminiscências, talvez de sua infância, e que ocorrem de forma caótica. Somos apresentados sucessivamente a um casarão, a um homem sem aparência, que talvez fosse o pai da Moça que surge. Surge também um Moço que, como os outros, não tem nome e nem é bem delineado. Há poucas informações para reconstruirmos junto com o narrador sua memória. Sabe-se que tudo se passa em 1914. O Moço deixa claro, através de seu olhar, que estaria apaixonado pela Moça. Tentam esconder do Menino o que havia num quarto do casarão. Resolvem, não se sabe o porquê, deixar que o narrador visitasse o cômodo proibido. O mistério que lá existia era uma idosa que ninguém sabia quem era. A Moça tratava-a bem. Outras imagens surgem. O Moço quer casar com a garota, mas essa se nega. Este parte e leva também o Menino. Ao voltar para sua casa, o Menino, num desatino, chora e grita que os pais não se amavam mais, que eles “*já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!...*”

Fatalidade

O narrador nos apresenta seu Amigo, que era delegado de polícia e exímio atirador. Com ares filosóficos, diz ao narrador que “*só quem entendia de tudo eram os gregos. A vida tem poucas possibilidades.*” Zé Centeralfe, humilde lavrador, casado, vem se queixar que sua esposa está sendo assediada por um tal de Herculinão. O delegado dá a entender que já conhecia o famigerado. A situação era tão crítica que o marido havia decidido pela mudança de localidade. Mas o malfeitor voltou a procurar a mulher e a semear a discórdia. O lavrador quer saber o que faz. O delegado nada diz, mas insinua que a melhor solução era matar Herculinão. Zé Centeralfe entende e apanha uma arma do delegado. Deixam a delegacia o marido, o delegado e o narrador. Encontram na saída com Herculinão. Ouvem-se dois tiros. O facinora está caído com duas balas: uma lhe acertara o marido; a outra, o delegado. O destino se cumprira. Os caminhos deles se cruzaram.

Seqüência

Voltamos a nos deparar com a força do destino, dentro da concepção roseana. Uma vaca abandona a propriedade onde está, na tentativa de retornar para sua querência, isto é, o local onde costumava ficar antes de ser vendida para a fazenda de seu Rigério. No percurso, ela se livra de vários percalços. O filho de seu Rigério vai atrás da vaca buscá-la. A vaca adianta-se e chega na frente dele à fazenda do Major Quitério. Lá chegando o rapaz, ele se depara com as quatro filhas do major e se apaixona pela segunda filha. O destino se cumpria.

O Espelho

Esboço de uma teoria sobre a alma humana. Texto complexo, repleto de reflexões filosóficas centradas na questão da imagem. O narrador afirma que “*os olhos são a porta do engano*”. Um dia, o narrador se vê num espelho de um lavatório público e sente repulsa, náusea. Desde então, busca ver a si — “*o eu por trás de mim*” — nos espelhos e usa todos os artifícios para isso. Tenta, em seguida, descobrir algum traço animal na sua imagem. Descobre-se uma onça. Depois, abandona essa tarefa de trabalhar a imagem. Fica meses sem se olhar num espelho. Um dia, sem nenhuma intenção, mira-se num espelho e não vê reflexo algum. Seria um desalmado? Anos depois, começa a ver um rosto se delineando: era o de um menino — seu “eu-interior”. Ele termina perguntando à pessoa para quem relatou e a quem chama apenas de senhor: “*Você chegou a existir?*”

Nada e a nossa Condição

Tio Man’ Antônio é logo no início comparado pelo narrador a um rei ou príncipe de um conto de fadas. Trabalhador, amava sua esposa, Tia Liduína, a qual morre repentinamente. Abalado, visita a casa onde morara tantos anos, com sua amada. Pai de três filhas, ele tenta responder à pergunta que a mais nova fizera: “*Pai, a vida é feita só de traiçoeiros altos - e - baixos ? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?*” Sua resposta é uma frase que repete várias vezes ao longo do conto: “*Faz de conta, minha filha... Faz de conta...*” No aniversário da esposa falecida, faz uma festa. As filhas encontram nessa festa seus respectivos futuros maridos. Casam-se e partem da fazenda. O viúvo começa a organizar-se para doar tudo o que tem, exceto a casa-sede. Reparte tudo com as filhas e doa terras aos empregados, mas permanece na residência. Torna-se um incômodo para os novos proprietários das terras. Quando morre, inesperadamente, tem seu último desejo realizado: é cremado dentro da casa, que é incendiada.

O Cavalo que bebia Cerveja

O narrador é Reivalino Belarmino, que trabalha numa propriedade de um italiano, Seo Giovânio, o qual ele julga ser muito estranho devido a seus hábitos, entre eles o de dar cerveja para os cavalos. O narrador desconfia do patrão e não consegue superar essa má vontade insistente, nem quando o italiano lhe ofereceu dinheiro para que ele comprasse remédio para a sua mãe, que estava doente. Surgem dois homens da capital, que pedem para que o subdelegado sirva de intermediador para um negócio: fazer com que Reivalino espione seu patrão, já que há suspeita de que ele seja um perigoso fugitivo. Mesmo reticente de início, o narrador aceita o papel de alcagoete. O que mais lhe intrigava na residência era o fato de existirem quartos permanentemente fechados. Ele relata isso para o policial, que vai até a fazenda fazer uma investigação, por insistência do narrador. Num dos quartos, havia um cavalo branco empalhado. Descobre-se depois que o outro quarto era ocupado pelo irmão de Seo Giovânio, vítima de ferimentos de guerra, e que morre. Comovido por ver seu patrão tão abalado, Reivalino se arrepende de ter traído a confiança daquele e resolve partir. O patrão pede para que ele leve seu cachorro e o cavalo que bebia cerveja. Tempos depois, o italiano morre e deixa a propriedade para o narrador, que ergue um túmulo para o ex-patrão, enterra o cavalo branco e vende a chácara. O narrador termina bebendo cerveja “*para fecho de engano*”.

Um Moço Muito Branco

“*Na noite de 11 de novembro de 1872*”, um fenômeno luminoso “*se projetou no espaço, seguido de estrondos, e a terra se abalou.*” Muitas catástrofes naturais aconteceram em decorrência disso. Algum tempo depois, um moço assustado, perdido, desmemoriado, mudo, muito branco, com uma claridade forte aparece perto da residência de Hilário Cordeiro, que generosamente o acolhe. Muitos curiosos vêm para conhecer o forasteiro, cujo maior amigo se torna o preto José Kakende, escravo meio alforriado que tinha alucinações. Duarte Dias, pai da bela Viviana, não gostou do rapaz. Levaram-no na missa e ele comportou-se adequadamente. José Kakende fala sobre visões que teve na margem do rio, no dia do fenômeno. Ninguém dava atenção. Fatos estranhos ocorrem: o moço branco dá uma semente para o cego Nicolau, que a planta tempos depois, fazendo surgir flores que nunca haviam sido vistas na região. Hilário Cordeiro prospera como nunca. Numa festa de São João, o moço branco encontra Viviana e põe a mão no seu seio. Ela nunca mais deixou de sorrir. O pai da moça vê a cena, interpreta-a com malícia e exige que haja um casamento. Nem o padre apóia Duarte Dias nesta idéia. Tempos depois, Duarte Dias declara ter afeição pelo rapaz, que o leva pela mão até um local da sua propriedade e indica para que cavem. Encontram diamantes. No dia da festa de Santa Brígida, o moço branco desaparece, auxiliado por José Kakende, que tem novas “visões” para contar.

Luas-de-mel

Na propriedade de Joaquim Norberto e Sa-Maria Andreza chega uma carta do compadre Seo Seotaziano, pedindo para que acolhessem um casal de amantes fugitivos. Finalmente algo acontecia para quebrar a monotonia da vida do casal. Os fugitivos chegam e o padre é chamado para concretizar o casamento. Teme-se qual seria a reação do pai da moça. Joaquim Norberto arma-se para defender os jovens de eventuais ataques e convoca pessoas para auxiliá-lo nesse propósito. Chega notícia da parte da família dela: o irmão da noiva vem visitá-la, numa “missão de paz”. O jovem casal é convidado para ir tomar a bênção do pai da noiva e para participarem de uma recepção por ele promovida. O convite é extensivo ao casal que os acolhera. Joaquim envia seu filho como representante, prefere ficar com sua esposa. O amor do jovem casal reavivou o seu amor por Sa-Maria Andreza.

Partida do Audaz Navegante

Num dia de chuva, estão brincando na cozinha, sob o olhar rigoroso da mãe, três meninas e um primo, Zito. Das três, a mais sapeca é Brejeirinha, garota inventiva que lidava bem com as palavras e gostava de contar histórias com enredos complexos, nos quais utilizava, por vezes, vocabulário rebuscado. Ela conta a estória do Audaz Navegante. A chuva passa e pedem permissão para irem até as proximidades do riacho. A mãe permite, já que o primo está junto. Zito fica particularmente feliz, pois está de namorico com uma das irmãs, Ciganinha. Chegando lá, as irmãs, por galhofa, indicam um estrume de vaca ressequido como sendo o Audaz Navegador. Brejeirinha enfeita o estrume com flores e coloca-o no curso do riacho. Nesse momento, um trovão assusta a menina, que é socorrida pela mãe, que viera atrás das crianças. A chuva recomeça.

A Benfazeja

Mula-Marmela era uma mulher velha, suja, feia e guia de cegos. Era uma assassina: matara o marido, Mumbungo, que não prestava, pois matava os outros por prazer. Ele só respeitava a mulher. Parecia saber que nas mãos dela estava seu destino. E o destino se cumpriu: ela o mata, esfaqueando-o. Todos se sentem aliviados. Daí o título do conto: *A Benfazeja*. Apesar de assumir o filho do falecido, Retrupé, e ter livrado o local de tão mau homem, ela não recebe nada em troca, apenas desprezo. Pressentindo que Retrupé teria o mesmo hábito cruel, ela o cega. Como o pai, ele teme Mula-Marmela. Ele pede esmolas sempre em tom ameaçador e anda sempre com um facão. Um dia, tenta matá-la. Não conseguindo, arrepende-se e chama-a de mãe. Ela o recompõe e chama-o de filho. Nessa noite, ela o mata e parte sem deixar rastros. Antes de sumir, vê um cachorro morto e carrega-o nas costas: será talvez para ter companhia na hora de sua própria morte?

Darandina

Outro conto com forte teor anedótico.

O narrador, um médico, relata a estória da qual foi testemunha: um homem é perseguido, já que supostamente havia furtado. Correndo, o homem esconde-se no alto de uma palmeira. A multidão avoluma-se na praça para ver o acontecimento. Lá está o narrador e seu amigo Adalgiso. Dizem que o homem na árvore é o Secretário de Finanças Públicas. A multidão está em polvorosa. Os médicos fazem elocubrações a respeito do problema do louco: muito falam, pouco resolvem. A multidão se agita. São chamados os bombeiros. Chega então, à praça, o verdadeiro Secretário das Finanças. O homem se despe. Os bombeiros tentam resgatá-lo. Ele sobe ainda mais alto na árvore. De repente, recobra a lucidez. Sente-se envergonhado. A multidão enlouquece: acabaria o espetáculo? Querem linchá-lo. Ao chegar ao solo, ele volta a dizer frases desconexas e a multidão carrega-o em triunfo.

Substância

Conto carregado de lirismo. Maria Exita teve um destino cruel: a mãe a abandonara para “cair na vida”, o pai era leproso, o irmão era criminoso, entre outros infortúnios. Nhatiaga foi a única bondade que o destino lhe reservara: mulher boa, auxiliou-a para conseguir um emprego na fazenda do Samburá, em que trabalhava com polvilho. Foi aceita, mas fazia o trabalho mais árduo. Cresceu e tornou-se uma bela mulher. O patrão, Sionésio, a viu e se encantou. Um dia, propõe-lhe casamento. Ela aceita de imediato. Entretanto, ele teme que o destino do qual ela fora vítima se reproduza para ele. O amor, porém, é mais forte e eles se decidem pelo casamento.

Tarantão, meu patrão

Conto que remete à história de D. Quixote e Sancho Pança. Iô João-de-Barros, fazendeiro, tem por empregado Vagalume, o narrador da história. Idoso e sem muito juízo mental, o patrão decide ir para a cidade atrás de um sobrinho médico. A família enviara Iô para a fazenda, para se livrar de suas sandices. Vagalume não agüentava mais trabalhar para o homem. Mas submetia-se, pois precisava do dinheiro. Com uma faca, o velho diz que vai matar o sobrinho, que lhe fizera uma lavagem intestinal e lhe aplicara injeções. No caminho até a cidade, ele arregimenta uma série de “out-siders” que o acompanham. Chegando num arraial, há uma festa com fogos e o “novo D. Quixote” acha que a recepção é para ele. Joga moedas para o povo. Novas pessoas se juntam ao grupo do cavaleiro. Todos o acompanham rumo à cidade. Lá chegando, vai à casa do sobrinho, que festejava o batizado do filho. Iô João-de-Barros faz um discurso que emociona os familiares presentes. É convidado para participar da festa, convite que é aceito com uma condição: tirar todos os que o haviam seguido pudessem sentar à mesa e participar da refeição.

Os Cimos

Este conto é como o encerramento de um ciclo, já que retoma a personagem o Menino, do 1º conto do livro. Agora, ele está triste, pois apesar de retornar para o mesmo local, Brasília, o motivo da viagem é outro: a mãe adoecera e a família acha por bem afastá-lo desse momento doloroso. Ele não está feliz. Nada o atrai. Entretanto, ele vê um dia um tucano e se encanta. Era um pouco de distração, já que ficava o dia inteiro pensando na mãe. O tucano voltava todo dia no mesmo horário. Chega um telegrama: o tio fica apreensivo. O menino começa a mentalizar pensamentos positivos. Deu certo: a mãe se recuperou.

A Terceira Margem do Rio

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescaria e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s’embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depusitei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrinde de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão daquele. A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-dano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem

dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto do esbarro. E nunca falou mais palavras, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma contida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça pra ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”, o que não era o certo, exato, mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão do seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada, mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estiavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o desmoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por que? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia. Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor, vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

